



Jornalismo Literário: O Tempo na narrativa de *Corações Sujos*¹

Juliana MAGALHÃES²

Lauana SENTO SÉ³

Márcia GUENA⁴

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o elemento narrativo *tempo* dentro da narrativa do livro-reportagem *Corações Sujos*, de Fernando Moraes. A discussão entre jornalismo e literatura norteia o trabalho, que utiliza referências das duas áreas do conhecimento como Oswaldo Coimbra (2004), Cândida Gancho (2006), Edvaldo Lima (2004) e Carlos Rogé Ferreira (2005). Os elementos narrativos são imprescindíveis na narrativa literária e na construção do texto jornalístico, principalmente no livro-reportagem.

Palavras-chave: literatura; livro-reportagem; narrativa; *new journalism*; tempo.

Introdução

O livro-reportagem é uma ferramenta bastante utilizada por jornalistas para contar de uma forma mais aprofundada um fato ocorrido, seja uma história de longa data ou mais recente. Porém, esse modelo de grande reportagem, que utiliza elementos da literatura na construção do texto jornalístico, surgiu antes da industrialização da imprensa, e foi revigorado nos Estados Unidos com o *New Journalism*, na década de 1960.

¹ Trabalho apresentado no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Mossoró, RN – 12 a 14/06/2013.

² Estudante do 4º período de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: jmm.lopass@hotmail.com.

³ Estudante do 4º período de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: launase@hotmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: marciaguena@gmail.com



No Brasil, Fernando Moraes é um dos grandes nomes do jornalismo literário, escrevendo diversos livros entre eles, *Olga* (1985), *Chatô, o rei do Brasil* (1994) e *Corações Sujos* (Prêmio Jabuti – Livro do ano de 2001). O autor já ganhou três vezes o Prêmio Esso e quatro vezes o Prêmio Abril de Jornalismo. Seus livros foram traduzidos em diversas línguas, e algumas de suas obras foram adaptadas para cinema, inclusive o objeto de nosso estudo, *Corações Sujos*, lançado em 2011.

Corações Sujos narra a história da Shindo Renmei, uma organização secreta japonesa, situada em São Paulo, que não acreditava na rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial e travou um conflito ideológico e violento contra os outros japoneses que acreditavam nos fatos ocorridos durante a guerra. Para contar essa história, Fernando Moraes fez todo o trabalho jornalístico de coleta de dados e informações, e utilizou elementos literários para a construção da narrativa.

Nessa perspectiva, o artigo analisa o *tempo* nessa obra, buscando compreender como esse elemento narrativo, próprio da literatura, é constituído numa narrativa não fictícia. O estudo utiliza autores da área de literatura como Benedito Nunes (2003), Cândida Gancho (2006) e Oswaldo Coimbra (2004), para o conceito de *tempo* e suas classificações, além da sua função dentro do texto narrativo. Há também uma breve discussão sobre o novo jornalismo e o livro-reportagem baseando-se em autores do jornalismo como Edvaldo Pereira Lima (2004) e Carlos Rogé Ferreira (2005).

A história do livro

Segundo Moraes (2011) os primeiros japoneses que chegaram ao Brasil aportaram em Santos no navio *Kasato Maru*, no dia 18 de junho de 1908, num total de 786 pessoas. A partir de então os navios japoneses desembarcaram muitos imigrantes no porto de Santos, por causa do acordo feito entre os dois países. Entre 1917 e 1940 mais de 164 mil japoneses se mudaram para o Brasil, sendo que a maioria radicou-se em São Paulo.



Corações Sujos conta a história da organização secreta japonesa Shindo Renmei – ou Liga do Caminho dos Súditos. A Shindo foi formada por imigrantes japoneses que moravam no Brasil, principalmente em São Paulo e região, que acreditavam fielmente que o Japão não tinha perdido a Segunda Guerra Mundial e que o imperador Hiroíto, considerado um Deus, não tinha se rendido aos Estados Unidos.

Essa organização tinha como objetivo punir aqueles que aceitaram a rendição do Japão, chamados de “derrotistas”. A comunidade nipônica no Brasil passou a ser então dividida entre *makegumi* “esclarecidos” ou “derrotistas”, apelidados de “corações sujos”, formada por japoneses com situação econômica e cultural mais elevada, que já haviam se integrado a sociedade brasileira, e não pensavam mais em retornar ao Japão; e os *kachigumi*, “patriotas” ou “vitoristas”, a maioria da comunidade que alimentava o sonho de retornar a sua pátria.

Os *kachigumi* declararam guerra aos “corações sujos” e não pouparam violência para atacar aqueles que foram criminalizados por acreditar na verdade. Entre janeiro de 1946 e fevereiro de 1947, os *tokkotai* – matadores da Shindo Renmei – mataram 23 japoneses e deixaram cerca de 150 feridos. A seita japonesa causou muita repercussão, sempre sendo manchetes de jornais e discutida nos poderes públicos.

Fernando Moraes fez uma pesquisa extensa em documentos do DOPS, delegacias, museus, arquivos pessoais, periódicos, além de inúmeras entrevistas, resultando em um livro com informações bem detalhadas e rico em fotografias, o que permite uma melhor visualização da história.

New Journalism

O livro-reportagem assim como o *New Journalism*, são termos recentes, datados como tal no século XX, embora esse estilo jornalístico já fosse praticado antes desse século, mas sem essas denominações. Daniel Piza (2009, p.24), apresenta essa



modalidade como consequência do Jornalismo Cultural, que trouxe uma nova forma de fazer jornalismo. Das críticas aos eventos culturais, eis que jornalistas passaram a utilizar os elementos da literatura para tornar suas histórias e reportagens mais atraentes.

Na década de 1960, a relação entre jornalismo e literatura alcançou seu ponto alto, com o *New Journalism*, nos Estados Unidos. Nomes como Norman Mailer, Gay Talese, Truman Capote e John Hersey, se destacam nesse estilo jornalístico que mescla história verdadeira e ritmo ficcional. Outra figura importante para o desenvolvimento do jornalismo autoral foi Tom Wolf. Autor de *Os eleitos* e *Fogueira das Vaidades* ficou conhecido pela ousadia de seus textos cheios de metáforas, onomatopeias e expressões incomuns como “radical chique”, ao fazer menção ao comportamento dos anos 1960 e 1970. No Brasil, esse gênero ganhou força com o lançamento de *A Ilha* (1976), de Fernando Moraes.

Para Nanami Sato (2002) o recurso da literatura no jornalismo torna a leitura e o fazer do texto mais interessante, pois outros recursos podem ser utilizados na narrativa, como a fotografia dentro do livro para ilustrar sua história. O jornalismo muito vezes é entendido como o discurso da realidade, ele acontece em decorrência do cotidiano, dos fatos, mas, nem por isso deve ser necessariamente sempre objetivo e seguir um padrão pré-estabelecido. Ele pode fazer uso da literatura, que é uma forma de dizer o mesmo conteúdo com outras palavras (MACHADO, 2002).

O ápice do jornalismo literário é o livro-reportagem. Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 26) o define como “o veículo de comunicação não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalísticos periódicos”. Essa forma diferenciada de fazer jornalismo produz um conhecimento aprofundado e que suprime a efemeridade dos cotidianos jornalísticos.

Carlos Rogé Ferreira (2003, p. 319), considera o livro-reportagem como “uma categoria de produção cultural vinculada às tensões existentes entre discursos da literatura, do jornalismo e da história”. O profissional que escreve esse tipo de livro tem



mais liberdade na escrita. Ele pode trabalhar o foco narrativo em terceira pessoa, como mero narrador, como também pode utilizar um dos personagens como o narrador da história, assim como também, pode direcionar o livro com suas opiniões. O que não pode se perder, é que o livro-reportagem tem que ser necessariamente baseado em fatos reais, até porque ele é um trabalho essencialmente jornalístico.

Os elementos que compõem a narrativa

Antes de adentrarmos ao aspecto *Tempo* é necessária uma breve análise dos outros elementos narrativos, importantíssimos para a composição de qualquer narrativa. Para Cândido Gancho (2006, p. 6), qualquer pessoa é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais que de certa forma responderiam as questões: *O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Porquê?* Isso quer dizer que a narrativa é estruturada em cinco elementos principais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

Em *Corações Sujos* encontramos todos esses elementos, e quem conta a história é um narrador em terceira pessoa. “Temos dois tipos de narrador, identificados à primeira vista pelo pronome pessoal usado na narração: primeira ou terceira pessoa (do singular)” (GANCHO, 2006, p. 23). O livro é narrado em terceira pessoa, e o narrador é onisciente, aquele que tem intimidade com o texto e conhecimento para ter autonomia sobre o conteúdo tratado. Ele também é um narrador intruso, já que utiliza de comentários, e até mesmo faz julgamentos das ações de alguns personagens.

Da capital argentina a proclamação foi levada em mãos até São Paulo, onde foi entregue a Dag Heagler, delegado da Cruz Vermelha no Brasil, que encaminhou o rescrito ao padre italiano Guido Del Toro. *Uma escolha estranha, já que o jesuíta tinha passado dois meses preso no DOPS, acusado de ministrar catecismo em língua japonesa (...)* (MORAIS, 2011, p.94, grifo nosso).



Já o espaço, é o lugar onde se passa os acontecimentos de uma narrativa, e esse “lugar” pode ser físico, psicológico ou social (GANCHO, 2006, p. 28). O espaço físico principal da história é o Estado de São Paulo, nas zonas urbanas e rurais. Como os japoneses em sua maioria trabalhavam em lavouras diversas, a zona rural é a mais citada. O espaço social se refere ao momento/época que a história se passa, que é durante o Governo de Getúlio Vargas (1930-1945), na Segunda Guerra Mundial e a relação dos brasileiros com os imigrantes de origem inimiga. O espaço psicológico é a reação dos japoneses nessa relação com os brasileiros e com os próprios japoneses, num momento delicado do fim da guerra e o Japão rendido.

Em toda história há também os personagens. Estes estão divididos em protagonistas e secundários. Em *Corações Sujos*, a protagonista é a própria Shindo Renmei, pois toda a história ocorre em torno da organização. Há também personagens secundários, que são os mandantes da seita e as vítimas dela.

Esses personagens são pessoas distintas, mas que algumas demonstravam aspectos semelhantes. O perfil psicológico daqueles que acreditavam que o Japão ganhara a guerra era de uma pessoa extremamente patriótica e nacionalista, fanáticos, seguidores de tradições japonesas, amor e respeito ao extremo na visão do Imperador Hiroito como divino e inatingível. Já o perfil dos japoneses que acreditavam na verdade sobre a guerra, eram pessoas que estavam tentando se adaptar e já se sentiam parte da população brasileira, que ainda respeitavam as tradições, mas que não se iludiam com mentiras.

Todos tinham perfis semelhantes fisicamente, tinham os olhos puxados, alguns eram mais altos que outros, tinham habilidades em artes marciais, e outros tinham tino para os negócios. Moraes traz aspectos de muitos personagens, nos fazendo entender a vida de cada um deles, levando em consideração suas ideologias, aspectos sociais e morais, entre outros.

Análise do tempo em corações sujos



Em um enredo, os fatos estão ligados ao tempo em diversos níveis, como a época em que a história se desenvolve, que muitas vezes não coincide com a época em que foi escrita ou publicada a obra, e a duração da história que pode se passar em um intervalo curto como o de uma tarde ou longo, de muitos anos. Geralmente as classificações de tempo, o subdividem em *tempo cronológico* e *tempo psicológico*. Benedito Nunes (2003) acrescenta mais três classificações de tempo a essas duas: *tempo físico*, *tempo histórico* e *tempo linguístico*. Na narrativa de *Corações Sujos* identificamos a presença do tempo cronológico e do tempo psicológico, sendo o primeiro o predominante.

Tempo cronológico é aquele que é fundamentado nos movimentos naturais recorrentes, entre eles os cronométricos. Esse tipo de tempo tem por característica formar uma sequência sem lacunas, contínua e infinita, seguindo uma linearidade e transcorrendo na ordem natural dos fatos do enredo (NUNES, 2003, p. 21). Ao contar a história da organização secreta japonesa, o autor começa o livro narrando o fim da Segunda Guerra Mundial e a rendição de Hiroíto, imperador do Japão:

A voz rouca e arrastada parecia vir do outro mundo. Eram pontualmente nove horas da manhã do dia 1º de janeiro de 1946 quando ela soou nos alto-falantes dos rádios de todo o Japão. [...] Era a mesma voz que quatro meses antes se dirigia aos japoneses, pela primeira vez em 5 mil anos de história do país, para anunciar que havia chegado o momento de “suportar o insuportável”: a rendição do Japão às forças aliadas na Segunda Guerra Mundial (MORAES, 2011, p.9).

Esse evento desencadeou na formação da Shindo Renmei, que é a protagonista do livro. A obra vai discorrer sobre as ações dessa organização até o seu fim: “A Shindo Renmei encerrava sua carreira de crimes com mais uma dramática trapalhada” (MORAES, 2011, p. 327). O tempo é cronológico em *Corações Sujos*, porque Fernando Moraes conta a história do início ao fim, dividindo o livro em nove capítulos. O que



também adentra no *tempo histórico*, já que essa divisão traz diversos aspectos da época, a sua história, retratando um momento importante para a história política brasileira.

No final de 1938, entretanto, medidas tomadas pelo presidente Getúlio Vargas para enfrentar os “inimigos internos” iriam repercutir duramente na vida da comunidade japonesa. Três anos depois de ter derrotado os comunistas na revolta de 1935, Getúlio foi despertado na madrugada de 11 de maio de 1938 com a notícia de que estava sitiado dentro do Palácio Guanabara, residência oficial do presidente. Do lado de fora, três dezenas de seguidores do líder integralista Plínio Salgado, armados de fuzis e metralhadoras, assaltavam o palácio presidencial a tiros (MORAIS, 2011, p. 33).

Tempo Psicológico

Já o *tempo psicológico* ou *tempo vivido* é consequência da experiência de sucessão dos estados internos das pessoas. Ele varia de acordo com cada indivíduo, e tem como característica ser subjetivo e qualitativo. O *tempo psicológico*, diferente do *tempo físico* não coincide com medidas temporais objetivas, sendo constituído por momentos imprecisos. Para Gancho (2006, p. 25), o tempo psicológico em uma narrativa:

É o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou das personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos. Está portanto ligado ao enredo não-linear (no qual os acontecimentos estão fora da ordem natural).

Por mais que Moraes descreva a história da seita japonesa em um período delimitado de tempo (1946 – 1948) – e traz alguns aspectos de seu nascimento em 1942, do início ao fim do livro – ao descrever os crimes, as atuações e os perfis dos participantes da Shindo, ele não os apresenta em uma ordem linear. Os acontecimentos são mostrados de acordo com o interesse do narrador. São utilizados muitos flashbacks, retardações, acelerações e elipses na narrativa.



No primeiro capítulo do livro, o autor fala do “caso bandeira” e apresenta os “sete heróis” de Tupã rapidamente, sem aprofundamento. Só no sétimo capítulo intitulado “Eiiti Sakane, o ronin solitário, prepara um banho de sangue em Tupã”, é que Moraes se dedica a falar da vida de Eiiti Sakane, um dos “heróis” de Tupã, e utiliza um *flashback* fazendo referência ao capítulo 1:

No dia 1º de janeiro de 1946, ao saber que, no bairro Coim, um militar tinha limpado as botas com a bandeira japonesa, foi Sakane quem propôs ao chefe da Shindo a montagem imediata de um comando para vingar o insulto com o fuzilamento do cabo Edmundo. Aprovado o plano, em poucas horas ele arregimentou seis *tokkotais* e, na reunião de todos com Aoki, deu asas a imaginação (MORAES, 2011, p 262).

Sobre o “caso bandeira” o autor faz muitas referências no decorrer do livro, à exemplo na página 195: “Além de Kitamura, estavam lá Tokuiti Hidaka, o caçula dos *tokkitai* do ‘caso da bandeira’, em Tupã, e mais Kozonori Yoshida e Hiromi Yamashita”.

No livro há também a *retardação*, recurso que não há uma linearidade no tempo e nem mesmo no espaço. Uma história pode ser contada em dado momento num espaço e num tempo escolhido, quando no meio da história, se volta ao passado, onde o tempo e o espaço já são outros. Isso causa retardamentos no ritmo da narrativa, uma quebra (COIMBRA, 2004, p. 55).

Entre as retardações, encontra-se na página 174, a *retardação através de evocações de momentos anteriores* para explicar o que é o *fumie*, prática utilizada pelos policiais para identificar se um japonês era da Shindo Renmei:

Segundo lhe dissera um delegado da cidade, o segredo era obrigar o preso a fazer o *fumie* – ou seja, “pisar na figura”. [...] O *fumie* era uma prática originária da época dos samurais, no início do século XVII. Para descobrir entre os japoneses quem havia sido convertido ao cristianismo pelos jesuítas, as autoridades colocavam no chão uma imagem de Cristo e obrigavam o suspeito a pisar nela (MORAES, 2011, p. 174).



Em outro momento ao falar de Fusatoshi Yamauchi, filho de Kenjiro Yamauchi, tesoureiro da Shindo Renmei, o autor faz uma *retardação através de antecipações de momentos posteriores* àquele em que está transcorrendo a narrativa. Ao descrever como Fusatoshi foi preso, ele antecipa a narração para anos depois, dando o desfecho da história dele.

Foi mesmo, e lá permaneceu até 1948, sem que pesasse contra ele nenhuma acusação. [...] Ao ser libertado, Yamuchi juntou as economias, comprou uma moto Indian de 1200 cilindradas e resolveu percorrer o Brasil “para compensar os dois anos que passou na prisão” (MORAES, 2011, p. 177).

No capítulo um, da página 24 até o fim do capítulo, Moraes utiliza a *retardação através de digressões, desvios da sequência narrativa*, que é quando o narrador interrompe o desenrolar da narrativa. Nesse caso o narrador volta ao ano de 1908 quando chegam os primeiros japoneses ao Brasil, e conta o contexto histórico do Brasil na época e a relação dos brasileiros com os imigrantes japoneses até o início da Segunda Guerra Mundial. Durante todo o livro Moraes vai e volta com informações históricas referentes a esse relacionamento conturbado, as leis e decretos contra os imigrantes e suas dificuldades em conviver em um país cheio de restrições.

Duração do Tempo

Dentro do elemento narrativo Tempo, também se analisa a relação entre o tempo de duração de um acontecimento e o espaço que ele ocupa. Não há a necessidade de a duração do fato e do espaço ter uma correspondência entre si. Há dois termos na narrativa: a história e o discurso. O primeiro é o conteúdo da narrativa. O segundo é o modo como a história é narrada. “A unidade de medida da duração da história é *temporal*: o segundo, o minuto, a hora, o dia, etc. A unidade de medida de duração do discurso é *espacial*: a linha ou a página” (LOPES e REIS, 1988 apud COIMBRA, 2004,



p. 61). Há cinco figuras de duração assinalada por Coimbra (2004): sumário, alongamento, cena, pausa e elipse.

Em *Corações Sujos*, foi possível verificar pelo menos dois deles, a *Pausa* e a *Elipse*. A primeira acontece quando há uma pausa no decorrer da narração. O texto prossegue, com uma digressão ou descrição; ou quando se inicia outra história no meio de outra, e depois para novamente, para voltar à história anterior, chamado de *alternância*. Na página 20 é possível perceber essa pausa, quando o narrador está contando o caminho dos sete samurais que estão à procura do tenente que querem matar, e a história volta para a delegacia, e continua a história anterior com o encontro entre os soldados e os samurais, novamente.

E a *Elipse*, que ocorre quando o tempo dá um salto na história para frente. Ao contrário da pausa. Quando o salto é feito de forma “brusca” é chamado de *corte*. Mas quando se utiliza expressões tais como “em 30 de julho, *onze dias após* a reunião com os japoneses (...)” (MORAIS, 2011, p. 230, grifo nosso) é uma elipse *explícita*.

Mas o que mais ficou claro no texto é que, por mais que Moraes faça esse retorno ao passado, anterior ao fato que está sendo narrado naquele momento, isso se torna providencial e necessário. É importante entender o contexto histórico em que a Shindo Renmei se inicia, e até mesmo a história de cada *tokkotai*, para entender a confiança cega ao Imperador Hiroito. Compreender a cultura do próximo foi substancial, e Moraes consegue cruzar os tempos e os espaços de uma maneira que o texto não fica enfadonho, e nem confuso.

Planos de tempo

Outro conceito importante é o de planos de tempos. Estes são determinados por demarcadores, que podem ser os tempos de verbo (quero, queria, quis); adjuntos adverbiais (no mês de abril); estações climáticas (no último outono) (COIMBRA, 2004, p.49). Se um texto ou relato de uma notícia, que aconteceu há dez anos antes, estiver escrito como se este estivesse ocorrendo naquele exato momento, é chamado de



presente histórico. Quando isso ocorre, o presente se torna um marco, e os planos de tempo do passado ou do futuro se definem dessa relação de outros segmentos, e não o momento em que foi elaborada esta obra.

Fernando Moraes utiliza muito esses demarcadores em sua narrativa. Vejamos alguns exemplos: “*Uma semana depois* da morte de Chuzaburo Nomura e do frustrado atentado a Shiguetsuna Furuya...” (p.173); “*Na noite de 15 para 16 de agosto* o pelotão montado por Sakane se dividiu em três grupos, que pernoveram em três casas diferentes” (p. 270); “*Na gelada noite de 22 de julho*, Sakane juntou os quatro no fundo do bar para anunciar...” (p. 237); “Dito e feito. *Meia hora depois* o grupo se apresentava aos surpresos investigadores de plantão no Gabinete de Investigações da polícia” (p. 200); “*Desde a paralisação do porto de Santos até o final do ano de 1945...*” (p.114); “*Não faltava muito para o dia clarear* quando os cinco deixaram o bar do ponto se esgueirando pela sombra” (p. 237).

O *Tempo* numa narrativa, como se pode observar é muito importante para situar o leitor e não deixar a história confusa. Essa importância se dá porque ele determina vários pontos de um texto, e como a história vai se desenrolar.

Considerações finais

A relação entre jornalismo e literatura é facilmente identificada em *Corações Sujos*, com a presença dos elementos textuais que correspondem as duas áreas de conhecimento. Nesse livro, os personagens, o narrador, o tempo e o espaço compõem a narrativa, assim como a apuração dos fatos reais que fazem parte do trabalho jornalístico.

Ao nos aprofundarmos no *tempo* na obra de Moraes, pudemos perceber como cada característica e particularidade desse elemento narrativo ajudam a construir uma



narrativa clara e objetiva, sem deixar o leitor confuso ou perdido, sendo extremamente importante na construção de um livro-reportagem.

Conclui-se que o principal elemento narrativo tempo, trabalhado na obra, é o cronológico, sendo o ponto de encontro com as diversas histórias narradas no livro. Desde a fundação da Shindo Renmei até o seu fim. Durante a narrativa, para situar o leitor, Moraes traz o tempo psicológico, como um tempo secundário, que nos brinda com histórias fantásticas, sobre os participantes da seita, das vítimas e do quadro político brasileiro nesse período, mas não se afastando da cronologia principal da história.

Referências Bibliográficas

COIMBRA, Oswaldo. Reportagem narrativa. In: _____. **O texto da reportagem impressa:** um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2004, p. 48-65.

FERREIRA, Carlos Rogé. Discurso sobre o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem. In: _____ **Jornalismo, Literatura e Práticas Políticas.** São Paulo: Edusp, 2005, p. 279 – 317.

GANCHO, Cândida. **Como analisar narrativas.** 9ª edição. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Edvaldo. Fronteiras Ampliadas de um Território em Conformação. In: _____ **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Ed. rev. e atual. Barueri, SP: 2004.

MORAIS, Fernando. **Corações Sujos:** A História da Shindo Renmei. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NUNES, Benedito. Do tempo real ao tempo imaginário. In: _____. **O tempo na narrativa.** 2ª edição. Editora Ática, 2003, p. 16-27.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Mossoró, RN – 12 a
14/06/2013

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 29-45.

MACHADO, Juremir. O que escrever quer calar? Literatura e Jornalismo. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, pág. 47-52.